

Cadernos *IHU ideias*

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 24 | n° 397 | vol. 24 | 2026

SIMONDON CÓSMICO

Três textos de Gilbert Simondon

Introdução e tradução de Thiago Novaes

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 24 | nº 397 | vol. 24 | 2026

SIMONDON CÓSMICO

Gilbert Simondon

Tradução de Thiago Novaes

Doutor em Antropologia Social pela UnB e professor colaborador do
Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas da Universidade Federal
do Ceará (MAPP/UFC)



Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XXIV – Nº 397 – V. 24 – 2026

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: MS. Gabriel dos Anjos Vilardi; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: <https://gilbert.simondon.fr>

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Revisão: Isaque Gomes Correa

Tradução: Thiago Novaes

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Esta edição dos Cadernos IHU Ideias apresenta traduções inéditas para o português, realizadas por Thiago Novaes, dos textos "Os limites do progresso humano", "O conhecimento da terra e a ação sobre ela pelos grandes trabalhos" e "O Homem e o Objeto", de Gilbert Simondon.

A publicação é acompanhada de uma nota introdutória do próprio tradutor, na qual apresenta a vida do filósofo francês e destaca suas principais contribuições para a filosofia da técnica.

SIMONDON CÓSMICO

Thiago Novaes

Doutor em Antropologia Social pela UnB e professor colaborador do Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará (MAPP/UFC)

Gilbert Simondon nasceu na cidade de Saint-Étienne, na França, onde testemunhou desde pequeno a mineração de carvão, a metalurgia e a fabricação de bicicletas, armas e máquinas, que marcaram o desenvolvimento da região no século XIX. No lugar da fábrica de armas, depois de seu falecimento, ganhou notoriedade a “Cité du Design”, reconhecida em 2010 pela Unesco, impulsionando hoje também vários projetos arquitetônicos inovadores. Filho de um pai mutilado na guerra, que seguiu a vida como carteiro, e de uma mãe camponesa da região de Nièvre, cresceu em um ambiente humilde, entre o ferro e o verde, uma simbiose que moldaria, décadas mais tarde, a mais singular filosofia da técnica e da vida do século XX.

Quem observasse Simondon nos corredores da prestigiosa *École Normale Supérieure* de Paris, para onde partira em 1944, veria um homem de contradições magnéticas: uma estatura imponente, voz de barítono que ecoava com a gravidade de uma catedral, mas cujos olhos, por trás de óculos de lentes espessas, guardavam uma timidez quase dolorosa. Simondon exalava uma ferida existencial profunda – uma angústia que parecia afastá-lo do convívio social que o

destinava à própria solidão. Habilidoso desde muito jovem, construiu o próprio fogão em seu alojamento estudantil. Vestia sempre um sobretudo impermeável pesado por cima do terno, como se estivesse permanentemente pronto para enfrentar uma tempestade, ou para assegurar-se de dispôr de mais uma ferramenta pendurada ao descer à oficina. Suas mãos eram as de um alquimista inquieto. Entreteinha-se não apenas com os livros de Jean Hyppolite, Georges Canguilhem ou Merleau-Ponty; interessava-se por minerais, válvulas termiônicas, motores e circuitos eletrônicos. Simondon era um filósofo que possuía licenças acadêmicas em física, psicologia, mineralogia e psicofisiologia. Mas ficou conhecido por recusar a cisão aristotélica clássica entre a matéria inerte e a forma soberana, o velho esquema hilemórfico. Para o filósofo francês, o ser não é uma substância, mas um processo contínuo de individuação.

Em 1948, após obter sua *agrégation*, Simondon foi lecionar no Lycée Descartes, em Tours. Ali, o mestre fez algo inusitado: criou um ateliê de tecnologia experimental. Seus alunos não apenas liam textos clássicos; eles desmontavam motores, operavam tornos e moldavam metal. Simondon defendia que a máquina não produz alienação, mas é refém de uma cultura técnica alienada que não concebe os objetos que cria como sendo um prolongamento da própria humanidade, que são coisas dotadas de dignidade e precisam ser resgatadas e amadas.

Em 26 de abril de 1958, Simondon defendeu duas teses doutorais: sua tese principal, *a Individuação à luz das noções de forma e informação*, e a tese complementar: *Do modo de existência dos objetos técnicos*. Nelas, propôs

que o indivíduo (seja um cristal, seja uma planta, um animal ou uma máquina) nunca esgota o ser. Antes do indivíduo, há o pré-individual: uma miríade de potenciais, um estado de metaestabilidade carregado de energia. A individuação opera como resolução provisória de uma disparidade, um salto que se propaga passo a passo por transdução, assim como um cristal que cresce em uma solução líquida, estruturando o espaço ao seu redor e criando o seu próprio “meio associado”.

Surgia ali uma filosofia que via a técnica por meio da concretização, processo pelo qual o objeto técnico evolui como um “organismo em crescimento”, para se tornar tão coerente e integrado à natureza quanto os seres vivos. Para Simondon, a cultura ocidental cometeu um erro trágico ao marginalizar a técnica, tratando os objetos técnicos como seres dotados de mera utilidade, escravizando-os. Propunha um humanismo difícil, definindo a filosofia como grande mediadora para refazer o laço da unidade mágica primitiva – que se dividira entre o sagrado e o técnico –, valorizando o pensamento estético, o giro para a percepção tecnostética e o rigor enciclopédico da reflexão conceitual.

Simondon não era um teórico de gabinete. Pai de sete filhos com sua esposa Michelle Berger, vivia o pensamento na matéria do cotidiano. Sua determinação em zelar por justiça e pela segurança o levou a se envolver em causas políticas e sociais, tendo trabalhado ativamente pela reforma das prisões. Dedicou-se também a projetos de prevenção de desastres. Desenhou e patenteou um modelo inovador de faróis de carro antirreflexo, buscando proteger a vida dos motoristas nas estradas escuras.

Sua extrema sensibilidade se estendia às plantas, aos animais e à ecologia. Ele via no comportamento animal e na botânica não sistemas mecânicos simples, mas níveis sofisticados de individuação psíquica e coletiva. A dimensão do transindividual representava, para ele, a verdadeira morada do social: uma partilha daquilo que permanece de natureza pré-individual em cada um de nós, permitindo uma verdadeira relação e criação coletivas.

Sua genialidade, contudo, foi acompanhada por uma saúde frágil, que começou a declinar severamente a partir de meados de 1975, afastando-o precocemente da cátedra da Sorbonne e da vida pública. Gilbert Simondon partiu em 1989, deixando um legado pouco conhecido que, como uma corrente transdutiva, germinaria de forma intensiva nas décadas seguintes na mente de Gilles Deleuze, em teóricos do *design* contemporâneo e nas correntes mais inovadoras da antropologia social, espalhando-se hoje por vários campos do conhecimento.

O PROGRESSO E A TERRA

O ensaio *Os limites do progresso humano* (publicado originalmente em 1959 na *Revue de Métaphysique et de Morale*) oferece uma chave teórica interessante, que tomamos aqui como roteiro para unificar a trajetória pessoal, as invenções materiais e o engajamento psicossocial de Gilbert Simondon. Longe de se apresentar como uma obra isolada, esse texto traduz em termos histórico-filosóficos o que o próprio pensador vivenciava em seu cotidiano no porão do Lycée Descartes, em Tours, e no Laboratório de Poitiers. *Nesse texto*, Simondon propõe uma tese audaciosa: o verdadeiro

progresso da humanidade não pode ser medido pela acumulação ou pelo desenvolvimento isolado de “concretizações objetivas”, sejam elas ferramentas técnicas, sejam elas linguagens ou religiões. O progresso ocorre apenas quando há um aumento da ressonância interna do sistema “homem-concretização”.

Essa formulação abstrata ganha vida quando olhamos para a biografia de Simondon. Lembremos que o professor do Ensino Médio montou o Atelier de Tecnologia Experimental no Lycée Descartes de Tours, recusando-se a ensinar História da Filosofia apenas como uma exaltação de textos, o que significaria um progresso restrito ao domínio da linguagem. Simondon exigia que seus alunos de classe média e alta descessem à oficina para experienciarem o manuseio de tornos e motores. Ao fazer o estudante aristocrático e burguês compreender o funcionamento interno de um motor a explosão, Simondon estava operando uma reconciliação existencial. Não se tratava apenas do ensino de mecânica; ele assinalava o aumento da “ressonância interna” do sistema humano-máquina, resgatando o sujeito de uma alienação cultural que vivenciava a técnica como algo meramente instrumental.

Em “Dossier Phares”, o desenvolvimento de seu protótipo pressupunha muito mais que oferecer uma solução para um farol mais potente, o que resultaria de um progresso técnico linear e isolado. O objetivo de Simondon foi desenhar um sistema que conectasse dois motoristas na escuridão por meio de um pacto físico de iluminação recíproca: a luz de um veículo preenchia o campo de escuridão do outro. O progresso, aqui, reside no aumento da iluminação mútua do sistema de cruzamento viário, a precisa materialização do conceito de

“meio associado”, descrito no ensaio de 1959 como um acoplamento no qual a máquina e o meio geográfico/humano coemergem em harmonia.

No artigo, Simondon utiliza uma ferramenta analítica inovadora ao propor que cada domínio da cultura – a linguagem, a religião, a técnica – possui processos internos de saturação e inibição. O desenvolvimento de qualquer um desses domínios segue uma curva sigmoide: ele nasce, cresce exponencialmente e, eventualmente, satura-se, encontrando um limite intrínseco.

Essa saturação e esse esgotamento refletem, de certa maneira, o isolamento acadêmico e existencial que o próprio Simondon viveu em sua carreira na Sorbonne, seja quando criticava o humanismo clássico, linguístico, que dominava a intelectualidade parisiense, que havia entrado em um ciclo de saturação autorreferencial ao reduzir o mundo à análise gramatical, literária e estruturalista; seja porque poderia entender que a intelectualidade francesa da época estivesse restrita a uma fase tardia e decadente da curva da “linguagem”, fechando os olhos para a nova fase emergente: a fase da tecnicidade e da cibernética. Não seria demais supor que seu sofrimento psíquico, suas crises depressivas e que a “ferida existencial” do filósofo acompanhassem justamente uma recusa em aceitar essa saturação artificial da cultura acadêmica, que isolava as ciências humanas das ciências exatas e da matéria real. Simondon discute ainda nesse escrito a “alienação” ou o “descentramento”: um estado patológico da cultura onde a concretização objetiva (como uma máquina ou uma estrutura estatal burocrática) se torna um sistema autônomo, fechado e opressor, excluindo o ser humano de sua dinâmica interna.

Sua atuação em Tours como psicólogo do tribunal e visitante de prisões foi uma tentativa prática de combater esse descentramento. O cidadão francês enxergava a instituição carcerária clássica como uma máquina social saturada e disfuncional, um sistema fechado que produzia alienação psicossocial ao isolar o indivíduo. Sua proposta de introduzir o trabalho técnico criativo, e não repetitivo, nas prisões visava reinserir o detento em um processo ativo de individuação. Ao dominar a complexidade de um rádio, de um motor ou de um circuito elétrico, propunha-se uma interação com uma “carga pré-individual” que emancipasse os presos do estigma social, restabelecendo a continuidade entre o eu (psíquico) e o meio (coletivo).

O FILÓSOFO-ALQUIMISTA

*O*s limites do progresso humano conclui que nenhum domínio isolado pode salvar o humano da alienação. O verdadeiro progresso não deve ser puramente técnico, religioso ou linguístico. Ele é resultado de um pensamento reflexivo ou filosófico, que atua como a única força capaz de transitar entre as diferentes crises de saturação, mantendo acesa a preocupação com a totalidade do ser.

Com essa conclusão do ensaio de 1959, vislumbramos um espelho perfeito da própria autoimagem de Simondon, alguém que não queria ser apenas um físico, nem apenas um psicólogo de laboratório, nem um mero exegeta de gabinete, mas um filósofo que transitava por todos esses campos buscando compor sua unidade. O seu terno sob o pesado sobretudo, seu fogão artesanal na École Normale Supérieure (ENS) e seus diagramas de física na sala de aula de filosofia

registram símbolos materiais de um pensador que se recusou a fragmentar a experiência humana. A filosofia, para Simondon, emanava da própria operação de transdução: um germe que unificava a mineralogia de Poitiers, a engenharia de faróis, os tribunais de Tournai e a ontologia pré-individual em um único cristal coerente.

Para Gilbert Simondon, a filosofia não poderia resultar de um exercício de abstração descolado do mundo físico, mas emanar de uma verdadeira ontologia da relação. Quando investigamos seu interesse pelos filósofos pré-socráticos (como Anaximandro, Heráclito e Empédocles) e o cruzamos com o ensaio “Conhecimento da Terra...”, revela-se uma trajetória intelectual voltada para uma vida estética, marcada por uma prática tecnomágica, na qual o conhecimento científico, a engenharia e a sensibilidade cósmica convergiam em uma mesma operação de individuação.

Ao contrário da tradição filosófica ocidental que se consolidou a partir de Sócrates, Platão e Aristóteles, estruturando o pensamento em torno de categorias lógicas rígidas, substâncias fixas e na oposição hilemórfica entre matéria e forma, Simondon se dedica aos físicos pré-socráticos instigado por uma ontologia alternativa. Simondon encontra no *apeiron* (o ilimitado, o indeterminado primordial) a primeira grande intuição daquilo que ele chamará de ser pré-individual. Não se trata do vazio ou do nada, mas de uma reserva de potencialidade pura, um estado metaestável prenhe de energia que precede e alimenta toda e qualquer individuação subsequente.

A natureza, entendida como *physis* entre os pré-socráticos, não figura como um cenário estático de objetos isolados, mas denota uma operação dinâmica de forças em constante disparidade. A individuação se define, então, como uma resolução provisória dessas tensões cosmológicas, uma transdução permanente na qual o ser se propaga através de seus estados de equilíbrio metaestável.

Ao resgatar os pré-socráticos, Simondon reconecta a filosofia à dinâmica material e energética do universo. Para ele, o filósofo deve atuar como os antigos sábios jônicos: um observador atento às forças telúricas e celestes, capaz de compreender o humano não como um agente externo e soberano, mas como uma fase de individuação interna do próprio cosmos.

No texto “Conhecimento da Terra...”, Simondon investiga a transição das grandes obras de engenharia humana (como canais, túneis e pontes suspensas que utilizam o princípio físico-matemático da curva catenária) para uma escala radicalmente nova: a escala cósmica. Com o advento dos satélites artificiais, da exploração espacial e de instrumentos óticos e radiofônicos avançados (como espectrógrafos e câmeras de televisão acopladas a telescópios), a relação entre o humano e a Terra sofre uma mutação de magnitude. O instrumento técnico não cabe mais na caixa de utensílios de dominação ou exploração: ele atua como um tradutor de ordens de grandeza. O espectrógrafo e o satélite estendem os limites perceptivos do corpo humano, permitindo que a nossa inteligência entre em ressonância com os ritmos energéticos do espaço exterior.

Simondon aponta, então, para uma assimetria fundamental: enquanto nosso conhecimento científico avança com velocidade astronômica no desvelar do cosmo, nossa capacidade de ação física direta permanece lenta e limitada. Essa disparidade gera uma tensão no sistema humano-Terra, uma metaestabilidade que exige um novo tipo de regulação.

É na conclusão desse texto que Simondon introduz a afetividade e a motivação como forças reguladoras desse sistema. A afetividade não representa um sentimento irracional, mas um regulador homeostático de comportamento que opera a mediação entre a cognição (o que conhecemos do cosmo) e a operação (o que podemos realizar nele), mantendo a unidade e a integridade do ser diante das imensidões cósmicas.

Para compreender nosso “Simondon Cósmico”, é preciso recorrer ao seu esquema genético das fases da cultura apresentado em suas teses de 1958, e complementado pelo ensaio de 1959. No princípio, existia a fase mágica primitiva, caracterizada por uma adesão imediata do humano ao mundo, onde o espaço era estruturado por pontos-chave sagrados, como uma montanha, uma árvore, um raio, que conectavam a terra ao céu. A magia era a própria prática tecnomágica, a cura xamânica, o gesto ao forjar: uma operação na qual a técnica e o rito compartilhavam a mesma eficácia vital.

Com a cisão dessa fase original, a cultura se dividiu em dois caminhos divergentes e alienantes: a Tecnicidade, que objetifica o mundo, tratando as forças naturais como recursos neutros a serem explorados; a Sacralidade, que projeta as forças vitais em um plano transcendental, distanciando o humano da matéria concreta. A vida estética e a reflexão filosófica surgem

como forças capazes de reatar essa separação. A experiência estética, valorizando o sentimento do belo, a contemplação das grandes obras de engenharia harmônica, como o viaduto de Garabit, ou a observação de um satélite orbitando a Terra, habilita um retorno momentâneo à unidade mágica original.

Simondon buscou essa reconciliação em sua própria trajetória biográfica. Ele não era apenas um acadêmico; vivia como um filósofo-artesão, alguém que operava tornos no porão do colégio, que calibrava os osciloscópios de seu laboratório de psicologia e que projetava faróis de automóveis que respeitavam a visão do outro motorista na estrada. Cada ato de invenção técnica era, para Simondon, uma prática bela e justa: uma forma de restaurar o acoplamento estético e ético do humano com o universo.

Simondon Cósmico surge como uma síntese para situarmos um pensador que recusou as fronteiras artificiais da especialização moderna. Ao unir o pensamento dinâmico dos pré-socráticos ao rigor da física de satélites, o filósofo nos convida a habitar o mundo de forma não destrutiva, não extrativista, não utilitarista. A tecnologia não deve servir para nos separar do planeta, mas para nos aportar um conjunto de instrumentos-mediadores capazes de ampliar a nossa ressonância interna com as forças cósmicas, transformando a nossa existência em uma obra de arte viva, potente e em permanente individuação.



Gilbert Simondon

Os limites do progresso humano

Gilbert Simondon

Tradução de Thiago Novaes

Este texto foi redigido em resposta a um artigo de Raymond Ruyer, publicado na *Revue de métaphysique et de morale*, outubro-dezembro de 1958, n. 4, p. 421-423. Gilbert Simondon publicou-o no n. 3 de julho-setembro de 1959 da mesma revista. A reflexão de Raymond Ruyer conclui, a partir da discussão de uma tese de Cournot, que, por um lado, o progresso técnico será limitado (não há necessidade, então, da “intervenção de legisladores assustados”) e, por outro lado, que o progresso não é técnico, pois está “do lado da arte vital”. “Uma vez estabilizado o esqueleto técnico, a vida pode recomendar seus jogos e suas fantasias. (...) Os limites do progresso humano, ao contrário da tese de Cournot, estão muito mais do lado da técnica científica e industrial do que do lado da arte vital”.

O problema do progresso humano só pode ser posto se se fizer intervir o sistema completo de atividade e de existência constituído por aquilo que o homem produz e por aquilo que o homem é. Considerar o que o homem produz (linguagem, técnica)¹ não pode permitir estimar o progresso humano, nem prever sua lei de desenvolvimento em função do tempo; porque a atenção é então unicamente dirigida a uma concretização objetiva da atividade humana. Por essa razão, enquanto se considere unicamente uma concretização objetiva, não se dispõe de nenhum outro critério que permita escolher entre tal ou qual sistema de concretização para fazer dele o único sinal e o único suporte válido do progresso humano. Pôde-se identificar o progresso da linguagem em todas as suas formas com o progresso humano, como fez o humanismo clássico. Também se pôde identificar o progresso humano com o progresso das técnicas em todas as suas formas. Se se opera essa identificação, que cremos redutora, pode-se então encontrar um aspecto temporal limitado do progresso humano e prever, por analogia, que o progresso técnico se realizará segundo uma curva sigmoide como o progresso da linguagem.

Contudo, mesmo que se quisesse estimar o progresso humano a partir apenas da concretização objetiva, seria preciso considerar como progresso a série

1 Em seu artigo, que se baseia em uma discussão de Cournot, Raymond Ruyer, que prevê uma estabilização do progresso técnico em um certo nível após a atual fase de “explosão acelerada” (portanto, de acordo com uma curva sigmoide), compara o progresso da técnica científica, “uma espécie de linguagem ativa que temos aprendido há três séculos”, com o que o desenvolvimento da linguagem conheceu: “Deve ter havido uma fase, certamente muito curta, em que o número de palavras empregadas aumentava em progressão geométrica antes de atingir um nível mais ou menos estável”. (Nota escrita por Nathalie Simondon, na versão publicada em *Sur la Technique*, Paris: PUF.)

das concretizações objetivas possíveis, e não essa ou aquela concretização, em si mesma autolimitada. Que o progresso da linguagem e o progresso das técnicas contenham processos de inibição interna que dão ao seu desenvolvimento em função do tempo um aspecto sigmoide, nada duvidoso para a linguagem, isso talvez seja também verdadeiro no domínio das técnicas. Mas o progresso humano consiste em que o homem, após ter levado até à saturação as possibilidades da linguagem, volte-se para as técnicas e entre em um novo domínio de desenvolvimento; se o progresso humano nos parece identificável com o progresso técnico, é porque o progresso humano está, em nossos dias e em nossa civilização, engajado no desenvolvimento das técnicas. Nada nos permite pensar que, após ter conduzido à saturação o desenvolvimento técnico, se todavia essa saturação pode ser atingida, a espécie humana não conseguirá se engajar em um novo domínio de progresso. Além disso, parece que a redução dos domínios de progresso já tentados a apenas dois seja excessiva: se as civilizações clássicas antigas manifestaram a saturação do desenvolvimento da linguagem, as diversas correntes da civilização medieval parecem ter atingido a do desenvolvimento religioso. A partir do Renascimento, o espírito de desenvolvimento técnico primeiro buscou reencontrar o espírito de desenvolvimento no exemplo antigo de desenvolvimento da linguagem, depois se afastou dele. O Renascimento foi então uma nova fase, curta e intensa, de progresso da linguagem, antes de se tornar uma introdução à fase de progresso técnico na qual vivemos. A Reforma, entre fase religiosa e fase técnica, manifesta a introdução do poder de progresso da linguagem, inspirado no classicismo antigo, no dever religioso. Do mesmo modo, no fim do mundo antigo,

podiam-se ver as novas forças do progresso, essencialmente religiosas e éticas, aplicarem-se a promover o conteúdo mais elaborado da fase de desenvolvimento da linguagem, sob a forma das filosofias ético-religiosas com um grande campo de expansão, o estoicismo e a gnose. Assim, não existe apenas uma série sucessiva de domínios de desenvolvimento das concretizações objetivas, linguagem, religião, técnica, mas existem também entre esses domínios, cruzamentos duráveis, que manifestam uma busca de universalidade.

No entanto, sucessão – ou mesmo imbricamento – de etapas sucessivas não significa progresso. Se a fase da linguagem, a fase religiosa, a fase técnica, e todas as outras fases da atividade humana, passadas ou futuras, fossem autolimitadas e se ignorassem sem nada se transmitirem, a espécie humana seria chamada a viver, em vão, aventuras sucessivas, até a saturação de cada uma delas, depois abandono. E poderíamos falar de um progresso da linguagem, de um progresso da religião, de um progresso técnico, não de um progresso humano. Ora, o que há de comum nessas fases sucessivas de concretização objetiva não é o conteúdo da concretização: o poder pontifício ignora o teatro grego como o radar ignora a catedral; o que é comum é o homem, o homem como motor e promotor de concretização, e o homem como ser em quem ressoa a concretização objetiva, isto é, o homem como agente e paciente. Entre as concretizações objetivas de cada ciclo autolimitado de progresso e o homem existe um elo de causalidade recíproca; em cada ciclo de progresso, o homem forma sistema com aquilo que ele constitui, e esse sistema está longe de ser saturado; não é todo o possível do homem que se reflete na concretização objetiva, linguagem, religião, técnica. A partir daí, po-

demos dizer que há progresso humano somente se, ao passar de um ciclo autolimitado para o ciclo seguinte, o homem aumenta a parte de si mesmo que se encontra engajada no sistema que ele forma com a concretização objetiva. Há progresso se o sistema homem-religião é dotado de mais ressonância interna² que o sistema homem-linguagem e se o sistema homem-técnica é dotado de mais ressonância interna que o sistema homem-religião.

Ora, essa questão é muito delicada, pois aqui aparece o papel efetivo da tomada de consciência de um processo de desenvolvimento pelo homem que faz parte do sistema no qual esse processo se desenrola. Há, decerto, aspectos de automatismo em cada desenvolvimento, e uma hipertrofia do automatismo coincide com a saturação involutiva de cada um dos processos de desenvolvimento em seu fim. Tal era o estado da linguagem no fim do mundo antigo: ela se tornava assunto de gramáticos ou de lógicos formalistas que buscavam a retidão etimológica das denominações. Ora, uma gramática ou uma lógica formal não refletem o homem, ou ao menos não refletem do homem senão uma parte mínima, e que não pode ser dilatada; contudo, em seu classicismo, a fase de desenvolvimento da linguagem em seu apogeu era carregada de mais esperanças; no tempo dos sofistas e do discurso panegírico,

2 “Ressonância interna”. Ver o uso que Gilbert Simondon faz dessa expressão (reciprocidade causal em um sistema, que é, portanto, concreto) em *O modo de existência dos objetos técnicos*, na análise da gênese do objeto técnico (Parte Um, “Gênese e evolução dos objetos técnicos”), na análise da universalidade consistente e objetiva do mundo técnico (Parte Dois, “O homem e o objeto técnico”) e, finalmente, no próprio mundo humano, sob certas condições (Parte Três, “Essência da tecnicidade”). No artigo, ver: “Troca de causalidade entre o que o homem produz e o que ele é”. (Nota da versão dos editores da tradução publicada em espanhol, Buenos Aires: Cactus.)

a linguagem, concebida como depositária do saber, aparecia como o fundamento de uma “perpétua pagnegíria” da humanidade. Assim foi também a religião em sua fase ascendente, com sua inspiração de universalidade ecumênica; ela desembocou, porém, em uma administração rigorosa do pensamento e da ação que não mais refletia o poder de progresso do homem. Dito de outra maneira, após um marcado impulso de poder de universalidade que manifesta um alto grau de ressonância interna do sistema formado pelo homem e sua linguagem ou o homem e sua religião, aparece um fechamento, uma saturação progressiva do sistema autônomo da concretização objetiva reduzindo em igual medida a ressonância interna do sistema, inicialmente mais vasto, formado pelo homem e a concretização objetiva: o verdadeiro centro de sistematização se desloca; na origem, ele está entre o homem e a concretização objetiva; pouco a pouco, é a concretização objetiva a que é sozinha um sistema; o homem se descentra, a concretização se mecaniza e se automatiza; a linguagem devém em gramática e a religião teologia.

A técnica se tornará indústria como a linguagem se tornou gramática e a religião teologia? É possível que se torne; mas não há aí nenhuma necessidade, e não se podem confundir os três casos. De fato, se a linguagem se tornou gramática é porque em sua origem mesma a parte de realidade humana traduzível em linguagem era demasiado frágil para que se pudesse instituir uma reciprocidade válida entre o homem e o sistema crescente da linguagem; assim eram as democracias antigas como a de Atenas; mas a linguagem, mais ou menos adequada à vida de uma cidade antiga, era muito insuficiente para a dimensão geográfica e o tipo de trocas de um império. O humanismo da linguagem foi

de curta duração; em nossos dias, ele subsiste, por artifício, em certos grupos humanos muito restritos, sem poder de expansão construtiva. Quanto à religião, ela se mostrou adequada à dimensão geográfica dos impérios, recobrando domínios tão vastos quanto continentes, e bem maiores que a cidade antiga, cimentando diversas classes sociais, e penetrando mesmo nas castas. O retrocesso atual da religião se manifesta na perda de seu poder de universalidade geográfica e por seu recuo defensivo em grupos humanos limitados, lembrando o da cultura humanista fundada sobre a linguagem, refugiando-se entre os letrados. Se a técnica, tornada indústria, refugia-se defensivamente em uma nova feudalidade dos técnicos, pesquisadores e administradores, ela evoluirá como a linguagem e a religião, rumo ao fechamento, concentrando-se em torno de si mesma, em vez de continuar a formar com o homem um conjunto em devir. No entanto, devemos notar que a pretensão à universalidade era mais justificada na religião que na linguagem, no sentido de que o poder de progressão contínua através da diversidade manifestou uma expansão maior nas religiões; a religião, de fato, concerne, no homem, uma realidade mais primitiva, menos localizada, mais natural, de toda maneira, que àquela dirigida pela linguagem. A religião é mais implícita que a linguagem, mais próxima das bases, menos civilizada, portanto menos limitada à cidade. A técnica é ainda mais primitiva que a religião, ela vai ao encontro da elaboração e da satisfação das próprias necessidades biológicas; ela pode, então, intervir como vínculo na formação de conjunto entre os homens de grupos diferentes ou entre homens e o mundo, em circunstâncias muito menos estritamente limitadas que aquelas que autorizam o pleno uso da linguagem ou

o pleno ecumenismo religioso. A impressão de queda na primitividade, na grosseria, que percebemos na passagem da religião à técnica, foi experimentada pelos antigos ao verem os monumentos mais perfeitos da linguagem abandonados por um impulso religioso que julgavam grosseiro, destruidor e cheio de germes de incultura.

Mas essa descida em degraus para a primitividade e a materialidade é uma condição de universalidade; uma linguagem é perfeita quando convém a uma cidade que se reflete nela; uma religião é perfeita quando chega à dimensão de um continente cujas diversas etnias estão no mesmo nível de civilização. Apenas a técnica é absolutamente universalizável, porque o que, do homem, ressoa nela é tão primitivo, tão próximo das condições da vida, que todo homem a possui em si. Assim, há ao menos uma chance para que os germes de descentramento do homem, portanto de alienação das concretizações objetivas que ele produz, sejam menos fortes na técnica que na linguagem e na religião.

No entanto, a ressonância interna do sistema de conjunto “homem-técnica” não estará assegurada enquanto o homem não for conhecido pela técnica, para se tornar homogêneo ao objeto técnico. O limiar de não descentramento, portanto de não alienação, só será transposto caso o homem intervenha duplamente na atividade técnica, como operador e como objeto da operação. No estado atual do desenvolvimento das técnicas, o homem intervém antes de tudo como operador; certamente, ele é também consumidor, mas depois que o objeto técnico foi produzido; o homem é muito raramente, enquanto homem, aquilo sobre o qual incide a operação técnica; na maioria das vezes, e somente

em casos raros, graves, e perigosos ou destrutivos, que o homem é objeto direto de atividade técnica, como na cirurgia, na guerra, na luta étnica ou política; essa atividade é conservadora ou destrutiva e aviltante, mas não promotora. A cirurgia, a guerra, a ação psicológica, não constroem o homem; elas não instituem uma reação positiva por meio da tecnicidade. Até hoje, não há sólida relação de interioridade entre as técnicas de ação sobre as coisas e as técnicas de ação sobre o homem. Nos melhores dos casos, as técnicas de ação sobre o homem somente substituem um papel outrora reservado à linguagem (lutas políticas) ou à religião (psicanálise).

A técnica teria chances de iniciar um processo de desenvolvimento não sigmoide se ela substituísse eficaz e completamente a atividade da linguagem e a atividade religiosa. Como, no momento presente, não existe nem uma metrologia aplicada ao homem, nem uma energética humana, a unidade das técnicas voltadas para o homem não existe, e nenhuma relação verdadeira e contínua é possível entre essas técnicas e aquelas que são voltadas para as coisas. As diferentes técnicas voltadas para as coisas fizeram sua aparição quando o saber (no caso, a física, a química) forneceu a cada uma delas os fundamentos de uma metrologia verídica. Tal saber, fundamento de uma metrologia aplicada ao homem, não existe ainda de forma estável no domínio do vivente.

Parece, então, ser possível prever que o progresso técnico não conservará sempre o aspecto explosivo que ele manifesta no domínio da concretização objetiva. Ainda conviria considerar com mais moderação a repercussão desse progresso técnico no domínio da vida cotidiana; aqui, o crescimento não é explosivo; a

iluminação, o mobiliário, a alimentação, os transportes, modificam-se, mas lentamente. E, se a indústria se modifica, a agricultura, em nossas regiões, é um domínio onde o progresso técnico está bem longe de ter assumido um aspecto explosivo. Não se podem confundir as realizações excepcionais alcançadas em meio especializado de tecnologia científica com um progresso técnico válido para vastos grupos humanos. O objeto técnico exige cada vez mais um meio técnico para existir; assim, máquinas como uma perfuradora ou um triturador não podem ser empregadas em um canteiro de obras artesanal sem o risco de provocar a silicose nos operadores: é preciso não apenas a irrupção de uma máquina nova, mas uma transformação do meio artesanal em meio industrial, o que exige condições de alimentação em energia, de automação, de telecomando, sem falar das condições humanas e econômicas que tornam ainda mais lenta essa transformação. Muitas vezes, a introdução de uma máquina isolada, cujas performances contrastam com as de outras máquinas e das possibilidades do entorno, apresenta de maneira espetacular a noção abstrata de um progresso possível, enquanto que, caso todo o conjunto seja modificado de maneira homogênea, essa aparência explosiva do progresso se apaga. A lentidão do progresso real, no próprio domínio da concretização objetiva, significa que o progresso técnico já está ligado às condições sociais; as forças inibidoras que poderiam freá-lo já se exercem; contudo, elas não o param. Pode-se, portanto, supor que, em razão dessa lentidão, o progresso técnico não ganhará bruscamente um ritmo explosivo, pois as condições reguladoras já existem, e as riquezas exploráveis, em energia e matérias-primas, são consideráveis. Segundo a revista *Perspective*, cujo último número

acaba de sair, as possibilidades de desenvolvimento a longo prazo não justificam uma atitude inspirada no malthusianismo.

Para que o progresso técnico possa ser considerado progresso humano, é preciso que ele implique em reciprocidade entre o homem e as concretizações objetivas. Isso significa, primeiramente, que haja homogeneidade entre os diferentes domínios de desenvolvimento técnico, assim como troca de condicionamento; o progresso apresenta um ritmo explosivo quando já é, em sua origem, um progresso fragmentado, que se realiza em domínios separados uns dos outros; quanto mais ele se opera em condição de fragmentação, menos ele é um progresso humano: é o caso do progresso técnico alcançado em poucos anos com a prospecção de petróleo e lençóis de gás. Na França, o gás de Lacq atravessa regiões subdesenvolvidas, sem nenhum proveito para elas, e vai ser vendido longe, em regiões já industrializadas. O gás descoberto pelos petroleiros na região de Hassi-Messaoud queima em tocha no céu, enquanto na Argélia os homens se matam e as crianças morrem de fome perto dos campos devastados e dos lares destruídos. O progresso técnico seria muito mais profundamente um progresso humano se ele fosse já um progresso da totalidade das técnicas, incluindo a agricultura, que é por excelência e em todos os sentidos do termo, a parente pobre.

Esse progresso seria então muito mais lento em cada ponto e muito mais profundo em sua totalidade, portanto muito mais realmente progresso. Transformando todas as condições da vida humana, aumentando a troca de causalidade entre aquilo que o homem produz e aquilo que ele é, o verdadeiro progresso

técnico poderia ser considerado como implicando um progresso humano se tivesse uma estrutura em rede, as malhas dessa rede sendo da realidade humana; mas então ele não seria mais apenas um conjunto de concretizações objetivas. Para que o progresso técnico seja autorregulador, é preciso que ele seja um progresso de conjunto, o que significa que cada domínio de atividade humana que empregue técnicas deve estar em comunicação representativa e normativa com todos os outros domínios; esse progresso será então de tipo orgânico e fará parte da evolução específica do homem.

Assim, mesmo que uma tal conclusão possa parecer ilusória, é preciso dizer que o progresso humano não pode se identificar com nenhuma crise de progresso segundo a linguagem, a religião, ou a pura técnica, mas somente com aquilo que, de cada uma dessas crises de progresso, pode passar sob forma de pensamento reflexivo, para outras crises de progresso; de fato, essa ressonância interna do conjunto formado pela concretização objetiva e o homem é o pensamento, e encontra-se transponível: somente o pensamento filosófico é comum ao progresso da linguagem, ao progresso da religião, ao progresso da técnica; a reflexividade do pensamento é a forma consciente da ressonância interna do conjunto formado pelo homem e a concretização objetiva; é esse pensamento que assegura a continuidade entre as fases sucessivas de progresso, e é somente ele que pode manter a preocupação de totalidade, e fazer assim com que o descentramento do homem, paralelo à alienação da concretização objetiva, não se efetue. Em nossos dias, o pensamento reflexivo deve particularmente se dedicar a guiar a atividade técnica do homem em relação ao homem, pois é nesse domínio em que reside o maior perigo de alienação, e



onde se encontra a ausência de estrutura impedindo o progresso técnico exercido na concretização objetiva de ser parte integrante do progresso humano, para formar sistema com o homem. A questão dos limites do progresso humano não pode ser posta sem a dos limites do pensamento, pois é ele que aparece como o principal depositário do potencial evolutivo da espécie humana.



O conhecimento da terra e a ação sobre ela pelos grandes trabalhos¹

Gilbert Simondon

Tradução de Thiago Novaes

1 Fragmento do livro *Résolution des Problèmes*, Paris: PUF, 2018, p. 45-54.

A exploração dos mares e das costas ocorreu cedo na Antiguidade e ficou registrada em tabuletas. As invenções relativas à navegação a velas permitiram viagens com navios de grande tonelagem como os de Colombo ou Magellan: 31 dias para chegar à América, mais um ano para dar a volta ao mundo, perdendo quatro navios de cinco (Magellan); a tonelagem mediana e o princípio da navegação a velas sofriam com o nível de dificuldades oferecidos pelos gelos e pelas tempestades.

Contudo, ao mesmo tempo que essa exploração da terra terminava, os geógrafos assumiam o controle; o fundo dos mares era pouco a pouco matéria para

o desenho de um mapa contínuo, enquanto as altitudes, os climas, as camadas geológicas continuavam a enriquecer de informação esse contínuo. Em torno de 1830-1850, esse contínuo estava bem acabado e fechado para permitir cruzar os canais através dos istmos e levar adiante outros grandes trabalhos correspondentes ao desenvolvimento da indústria pesada: escavação de túneis, construção de pontes cujo arco principal, trabalhando em tensão e construído com fios de aço, utilizavam o princípio da curva da catenária¹, a única curva matemática que pode servir para criar o esquema de um arco podendo resistir sem se deformar a forças em toda parte iguais e paralelas entre si². Esses arcos podiam então ser construídos com materiais que trabalham com compressão (pedra, tijolo), assim como com tensão. Além disso, o que é notável não é exatamente que tenhamos compreendido o princípio da catenária, mas que esse princípio foi compreendido *precisamente* ao mesmo tempo que a necessidade de obras de arte robustas mais levemente flexíveis se faziam sentir, como, em um domínio vizinho, o viaduto Garabit³, construído em alguns dias, com o arco central sendo ajustado em um único dia em metades junto às paredes do vale, resultando cada uma um quarto de círculo, para constituir a totalidade do arco central. Para que essa última operação de rotação e fixação tivesse a possibilidade de

1 O "princípio da catenária" se refere ao princípio físico-matemático da curva da catenária (*chaînette* em francês), que descreve a forma assumida por uma cadeia, cabo ou fio flexível, inextensível e homogêneo, suspensa pelas extremidades sob o efeito exclusivo de seu próprio peso (gravidade uniforme). (Nota do tradutor).

2 Citação clássica atribuída a **Antoni Gaudí**, referindo-se à **catenária**, a única curva que, invertida, forma um arco resistente a forças uniformemente distribuídas e paralelas (como o peso próprio), sem deformação por momentos fletores. (Nota do tradutor).

3 O viaduto Garabit é citado na Carta de Simondon a Derrida, de 1982, como exemplo de obra tecnoestética. (Nota do tradutor).

se completar no meio, era preciso não haver nenhum vento. Ora, no dia estabelecido, nenhum vento soprava no vale do Tryère, em 1884, sendo chegado o momento de juntar as duas metades do arco.

Nenhuma audácia pareceria exagerada aos engenheiros formados na Escola de Saint-Simon; não se trata de nenhuma maneira de vencer a natureza como força hostil, ao atacá-la, mas antes de completá-la adicionando vias de comunicação: canais atravessando os istmos tornando os rios navegáveis em meio a numerosas eclusas e pouca correnteza, vias férreas, mais tarde linhas regulares de aviação e valorização da energia natural sob diversas formas, particularmente aquela dos cursos das águas em alta altitude (energia hidrelétrica).

Seria excessivo englobar sob um termo tão geral quanto a “tecnocracia” todos os esforços do pensamento e invenção que permitiram planejamento geográfico e técnico do mundo no último quarto do século XIX; a natureza participando nessa redistribuição da terra, das correntes de água, na modificação dos climas. Mas a indústria pesada, surgida na primeira metade do século, e que não era mais que uma parte, foi tomada pelo todo, particularmente sob o impulso das guerras, criando um tipo de necessidade mal previsto na doutrina Saint-Simon.

CONHECIMENTO E AÇÃO EM ESCALA CÓSMICA

Ao longo de milênios, foi conduzida a observação dos meteoros, dos astros fixos e dos planetas, mas a ação seguia infinitamente menos rápida que a observação, mesmo na região sublunar, para retomar

uma distinção antiga. Faltavam os meios de realização, mesmo para receber e enviar mensagens. A ótica havia feito grandes progressos com os telescópios com espelho. Em seguida, vieram os radiotelescópios, capazes de reparar uma fonte de irradiação situada em comprimentos de ondas superiores àsquelas do visível. O efeito Doppler foi estendido da acústica à ótica física por Fizeau. No estrito domínio da informação, mensagens potentes foram emitidas por rádios para o espaço, segundo um código que o acaso não conseguiria produzir: - - - - - , até mil hifens, depois voltar a 1 e recomençar uma nova sequência; naturalmente, uma recepção desses sinais e uma resposta adequada suporia civilizações tão desenvolvidas quanto a nossa nesse domínio. A ausência de qualquer resposta com um mesmo código não significa que não existam outros seres vivos lá fora, mas apenas que não possuem técnicas comparáveis, tão perfeitas.

A exploração da atmosfera empregou geralmente meios comparáveis àsquelas da navegação (balões até 31.910 metros, depois balões-sonda, até 41 mil e depois 43 mil metros); o princípio de um avião-mãe que libera um avião-foguete permitiu chegar a 38.464 metros, mas foi abandonado por causa das dificuldades de aterrissagem do avião-foguete, só podendo pousar em um lago de barro. Para as altas camadas da atmosfera, o princípio de exploração se torna aquele do foguete lançado pelo balão-portador, ou de satélites artificiais da Terra, colocados em órbita por foguetes em diferentes estágios; habitualmente, a órbita é elíptica e a terra é um dos focos da elipse (como em 1957). Um grande número de satélites são laboratórios do espaço, levando apenas material de medições e de observação.

Contudo, vários satélites tiveram a bordo cosmonautas, que puderam eles mesmos corrigir a trajetória de seu satélite e aprender a se deslocar em estado de gravidade reduzido (na superfície da lua), ou de gravidade nenhuma (durante a gravitação), mais geralmente nomeado de voo orbital ao apogeu ou perigeu.

A expressão *voo orbital*, ainda que não seja inteiramente correta, tem o mérito de insistir sobre o fato de que a energia do satélite continue constante durante a gravitação e resulte mais ou menos inteiramente dos foguetes de lançamento (energia cinética do satélite e energia potencial em cada ponto do sistema formado pelo satélite e a Terra, ou pelo sistema mais complexo Terra-Lua-Sol-Satélite). Mas a energia dos foguetes não pode crescer indefinidamente; para vislumbrar viagens mais longas, seria necessário que o satélite dispusesse de um motor potente e de matéria ejetável, tornando-se uma nave espacial. Não podemos então, hoje em dia, falar em “conquista do cosmos”, mas apenas de uma exploração do espaço a partir da Terra, que se consegue por uma degradação do calor, sobre a atmosfera, das energias potencial e cinética, do retorno do satélite.

A terceira parte das relações entre o homem e o cosmo não começou ainda realmente, apenas de forma auxiliar, por meio de pequenos foguetes permitindo dar ao satélite uma posição definida; mas a energia suplementar assim definida é muito frágil em relação àquela que os coloca em órbita: se, no momento em que atinge as camadas superiores da atmosfera, um satélite não está em um ângulo que permite a entrada, mas em um ângulo mais aberto, ele poderia corrigir seu percurso antes de abordar as camadas mais densas.

A relação entre o homem e o cosmo marca atualmente um avanço do saber sobre a ação; mas essa ação, recente, desenvolveu-se muito rapidamente graças aos meios industriais já colocados; o “teto” previsível é o da disponibilidade da energia motriz, até hoje inerente, essencialmente, à fase de partida. A despeito dessa situação, a motivação que se volta ao cosmo é muito forte e muito duradoura; o lançamento do primeiro satélite, no fim do verão de 1957, foi verdadeiramente um acontecimento, em parte porque os radiocomunicadores amadores puderam receber sua emissão, potente do perigeu (950 km da Terra ao ponto mais próximo, apenas abaixo da camadas ionizadas da atmosfera).

PAPEL DO INSTRUMENTO NA RELAÇÃO ENTRE O HOMEM E O OBJETO

O instrumento é mediador entre o homem e o objeto; com isso, ele é com frequência esquecido, ainda que, contudo, para os objetos manipuláveis e para nossos semelhantes, ele é com frequência, mas não sempre, o que modula as possibilidades de comunicação; como objeto da casa; um aparelho de telefone é coisa pouco aparente; todavia, ele pode desempenhar um papel muito importante em certas profissões e, de maneira mais geral, como portador de novidades para uma família; as diferentes redes têm o mesmo modo de existência; elas bem fazem parte de uma cultura em que sua existência se torna particularmente consciente quando nos encontramos privados de seus serviços.

Essa importância intermediária existe também, de maneira igualmente escondida, em um encadeamento de invenções e de adaptações que conduziu às técnicas atualmente utilizadas. Uma composição atual de

trem reúne mais de cem anos de trabalho inovador e de invenções. Também aí, um sistema é com frequência mobilizado, quando se trata de mudar de ordem de grandeza: para transportar e transformar a energia elétrica de meia distância, a corrente alternativa resolveu o problema de todo avanço que permitia à indústria pesada já instalada (cabo, isolantes, transformadores). Porém, uma vez que se trata de transportes de longa distância por linhas de alta tensão, a corrente contínua apresenta sua vantagem, autorizando uma tensão teoricamente sem limite, fazendo desaparecer o gasto de energia por irradiação.

Mas o papel do instrumento é ainda mais essencial quando a diferença de ordem de grandeza entre o homem e o objeto é mais considerável. Assim, o espectógrafo de massa, que permite separar os diferentes átomos de um corpo segundo sua massa, trouxe progressos importantes às disciplinas que estudavam o núcleo atômico, permitindo, em particular, separar os isótopos, que só diferem em quantidade dos nêutrons; essas partículas materiais sem carga não podem ser separadas, como os prótons e os elétrons, por campos elétricos ou magnéticos. Sem o espectógrafo de massa, teria sido praticamente impossível chegar a conhecimentos precisos sobre os isótopos. O instrumento permite ao observador operar uma mudança de ordem de grandeza.

Poderíamos dizer o mesmo dos telescópios, da televisão transmitida por uma câmera em um satélite artificial ou instalada na superfície da Lua com um transmissor que lhe permitisse funcionar após a partida dos humanos que ali a teriam deixado. E devemos notar que esses instrumentos agiram particularmente

em uma ordem de grandeza intermediária entre as camadas de realidade que elas ligavam; um espectrógrafo de massa não nota o impacto de um único nêutron, mas de uma população de nêutrons, maior que um único núcleo, menor que um observador; as imagens transmitidas pela câmera não cobririam com uma única visão a viagem toda, mas poderiam alcançar um campo muito mais considerável que uma única pessoa; elas se situam entre a dimensão do homem e aquela da viagem. Sem dúvida, esse papel intermediário do instrumento é em parte o que faz aparecer pouco seu papel capital; a percepção, o saber e a ação se situam em níveis bem definidos das diferentes ordens de grandeza, enquanto os instrumentos, esses intermediários ou esses adaptadores, desaparecem do campo do saber e da ação, ainda que esse tipo de objetos ou prolongamentos do operador seja raramente estudado por eles mesmos.

No próprio homem, uma relação comparável existe; a percepção, a organização intelectual e a criação da memória são como um conjunto organizado; o comportamento finalizado é ele mesmo ordenado em conjunto e subconjuntos de operações que se encadeiam. Porém, um mesmo saber pode servir a muitas ações; falta no homem, entre a entrada de informação e os efetuadores da ação, alguma coisa que seja capaz de orientar e fazer comunicar esses dois extremos: esse mediador está ainda mal definido; é a afetividade, são as motivações da condução; esse laço pode ser regulador se ele tiver uma intensidade variável a despeito das flutuações da percepção ou a sucessão de tempos fortes e de tempos frágeis na realização do projeto investido; se existisse uma comunicação direta entre o cognitivo e a afetividade, o sucesso de um dia bastaria para mo-

dificar o grau de ação do dia seguinte; ao contrário, se o meio termo da atividade e as motivações varia no sentido inverso do que vem dos objetos, um reforço é levado aos momentos frágeis e a uma moderação ainda que um sucesso tenda a um descontrole da condução.

A afetividade e as motivações não são uma fonte infinita de energia interna; elas são um princípio de constância entre o cognitivo e o operatório, uma força que torna possível qualquer função de relés, mas por isso mesmo mantém um nível médio de vigilância e de ação, que poderíamos nomear uma “homeostase do comportamento”.



O Homem e o Objeto

1974-1975

Gilbert Simondon

Tradução de Thiago Novaes

Este texto é o resumo do curso de Psicologia geral, do primeiro semestre do ano letivo 1974-1975, oferecido sobre a forma de fotocópia. O documento menciona o seguinte: “Está especificado que este resumo desenvolve apenas os principais conceitos, mas não comporta os exemplos ou respostas às questões trazidas durante as aulas”.

Este estudo não pretende fazer a síntese geral de todos os significados dados à palavra *objeto*. Ele vê no objeto tudo que não é o indivíduo ele mesmo.¹

1 Fragmento gentilmente cedido pela editora PUF, publicado originalmente na França, na coletânea organizada por Nathalie Simondon, *La Résolution des problèmes*, 2018, p. 11-12.

No curso de sua ação ou de sua percepção, o indivíduo encontra ou vislumbra, ou ainda busca fornecer, certas condições de ambiência ou de meio para certos membros de sua espécie, de outras espécies ou para certos objetos inanimados.

A relação entre o homem e o objeto comporta ainda uma multiplicidade de relações afetivas, suscita motivações, ou é facilitada e às vezes envergonhada por elas, uma vez que essas motivações são endógenas.

Quando um objeto está distante, o conhecimento que chega ao homem é fragmentado ou duvidoso, sob a forma de elementos de informação pouco coerentes ou dificilmente discerníveis do ruído de fundo: o mediador da tomada de informação ou de ação o coloca sobre o conhecimento do objeto ou sobre sua ação sobre outro; todavia, após alguns séculos, a exploração do objeto na Terra e a dos astros mais próximos, por meio de equipamentos terrestres ou espaciais, ampliaram a parte conhecida do cosmo e permitiram mesmo uma ação correspondente, sob forma de coleta de amostras. O ruído de fundo e o erro na definição era previamente substituída por uma mitologia de espera; o regresso dessa mitologia, a visão da Terra à distância, começa a fornecer quadros ao conhecimento e talvez à ação.

A relação do homem com o objeto varia em função da distância que os separa; é em função então das *ordens de grandeza*, os aspectos de atividade, de percepção e de memória, de impacto afetivo ou de iniciativa motivacional que podem ser buscados de acordo com as eras.



Sobre o tradutor



Thiago Novaes. Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB, 2016). Bacharel em Ciência Política e mestre em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, 2001 e 2012). Realizou estágio pós-doutoral na University College London, com bolsa da CAPES, em 2019, e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, em 2018, como bolsista de pós-doutorado júnior do CNPq. É autor de *Os Filhos da Técnica: a reprodução assistida e o futuro do humano informacional* (Appris, 2017) e principal organizador da coletânea internacional *Máquina Aberta: a mentalidade técnica de Gilbert Simondon* (Dialética, 2021). Desenvolve pesquisas nas áreas de Teoria Antropológica, Antropologia do Corpo e da Saúde, Antropologia da Ciência e da Técnica, Teoria da Mídia, Internet e Sistemas de Telecomunicações.

ENTREVISTAS COM THIAGO NOVAES REALIZADAS PELO IHU

- A máquina como escrava do ser humano é uma forma empobrecida de pensar a técnica. Entrevista especial com Thiago Novaes

EVENTOS COM THIAGO NOVAES NO IHU

- Ciclo de Estudos Inteligência Artificial, fronteiras tecnológicas e devires humanos
- Ciclo de Estudos e Colóquio Gilbert Simondon. Tecnogeografia, Informação e Arte



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra Bavarese
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élica Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
- N. 53 Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas



- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Amo Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODE – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhési
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montaña
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmänn
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Casculo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermittências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzados – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari



- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D'Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odelso Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Vigada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa



- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N. 314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da humanização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati

- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstrosidade - Adriano Messias
- N. 336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Averso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
- N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
- N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
- N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
- N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
- N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani
- N. 352 Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo - Svitlana Matviyenko
- N. 353 Pequena história futura das enchentes do rio Cai - Caio F. Flores-Coelho
- N. 354 Por uma agricultura sustentável no Brasil - M. Madeleine Hutrya de Paula Lima
- N. 355 A máquina com um rosto humano: da inteligência artificial à sciência artificial - Sylvain Lavelle
- N. 356 Filmes em Perspectiva - Faustino Teixeira
- N. 357 Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo - Luiz Cláudio Cunha
- N. 358 Tecnofisiologia e ontologia híbrida: novas interações entre máquinas e corpo humano - Roberto Marchesini
- N. 359 Teoria dos Quatro Cosmogramas - Moysés Pinto Neto
- N. 360 Capitalismo e cismogênese - Sven Lütticken
- N. 361 Revolução informacional e a nova classe trabalhadora - Marcio Pochmann
- N. 362 O ancião missionário e os anciãos Bóe-Bororo: autobiografia indígena, identidade narrativa e apropriação religiosa recíproca - Elair Inácio de Oliveira e Aloir Pacini
- N. 363 A construção política da Economia de Francisco e Clara no Brasil - Eduardo Brasileiro
- N. 364 Um olhar retrospectivo - Hans Jonas
- N. 365 Constitucionalismo Intersistêmico e o Direito das Minorias: a proteção dos povos indígenas na sociedade global - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 366 Novos dilemas da IA: a inteligência quer se expandir e o organismo quer perdurar. Por que e como a IA generativa pensa e raciocina - Lucia Santaella



- N. 367 Paul Ricoeur e a historiografia: primeiros diálogos em *História e Verdade* (1955) - Bruno dos Santos Nascimento
- N. 368 Tutela climática dos povos indígenas no Rio Grande do Sul e a proteção dos territórios ancestrais: direito ao futuro e à dimensão ecológica da dignidade humana - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 369 Autonomia: os povos estão transitando por um novo caminho emancipatório - Raúl Zibechi
- N. 370 IA e a experiência da pobreza - Levi Checketts
- N. 371 O pluralismo jurídico e os sistemas jurídicos indígenas - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 372 Proposta de definição das juventudes: diversidades e protagonismos políticos - Olívia Cristina Perez
- N. 373 Neomercantilismo de crise e as guerras de desordenamento global - Daniel Feldmann
- N. 374 Putin, Trump, Netanyahu: o mundo à beira de uma guerra total? - Silvia Ferabolli
- N. 375 Peter Singer e os 50 anos do livro *Libertação Animal* - Daan Stoop
- N. 376 Uma reflexão ético-político-filosófica da alteridade negada no cárcere - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 377 Juventudes e experiências religiosas - Claudio de Oliveira Ribeiro e Rosemary Fernandes
- N. 378 Vida nos trilhos: corpos sobreviventes e a resistência que brota da periferia brasileira - Paulo Ricardo Barbosa de Lima
- N. 379 Os Estados Unidos de Trump, modelo da distopia contemporânea - Luiz Marques
- N. 380 Dinamismo, mobilidade e juventudes - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 381 Realidades virtuais, danos aumentados, impactos reais - Elisa García Mingo e Jacinto G. Lorca
- N. 382 Povos indígenas e emergência climática: visibilidade, participação e reivindicações nas conferências climáticas da ONU - Carlos Machado de Freitas, Kleber Henrique da Silva Xucuru, Luiz Felipe Barboza Lacerda, Sineia Bezerra do Vale e Suliete Gervásio Monteiro Baré
- N. 383 Considerações sobre o sionismo - Rodrigo Karmy Bolton
- N. 384 Tecnofeudalismo e colonialismo digital: um olhar a partir do Sul Global - Mardochee Ogécime
- N. 385 Fascismo tardocapitalista: retrotopia e aceleracionismo - Sandro Chignola
- N. 386 Austeridade, desigualdade e o enfraquecimento do Estado Democrático e Social de Direito - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 387 Etnocracia e limpeza étnica. No coração do pós-fascismo - Donatella di Cesare
- N. 388 O campo quântico e os horizontes do real - Rodrigo Petronio
- N. 389 Reflexões sobre uma controvérsia: a recepção de Nietzsche pelo fascismo - Alberto Giacomelli
- N. 390 O Bem Viver e a multinormatividade democrática como resistência ao direito autárquico do tecnofeudalismo - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 391 Introdução à Teoria Gerativa - Rodrigo Petronio
- N. 392 Ricochete nihilista: Joy Division - Mark Fisher
- N. 393 Paradigma tecnocrático em cesuras e o espaço geográfico no reino da economia global - Guilherme Tenher Rodrigues
- N. 394 Trans:humanismo (H-) e Audiovisual - Rodrigo Petronio, Bianca Ayuri, Eduardo Ferraz, Guto Escobar, Luca Scupino Oliveira e Maria Junqueira Netto de Sá e Benevides
- N. 395 O Estado como agência reguladora do crime? - Jacqueline Muniz
- N. 396 É preciso sair da ilha para vê-la: uma jornada de desconstrução sionista - Bruno Hender

 UNISINOS